

delilah green não quer saber
série bright falls | livro 1
ashley herring blake

Tradução de Isabel Baptista

Para Rebecca Podos, que vai comigo a todos os grandes desconhecidos.

CAPÍTULO

UM

Os olhos de Delilah abriram-se com o zumbido na mesa de cabeceira. Pestanejou para focar o quarto desconhecido uma vez... duas vezes. Tinham de ser pelo menos duas da manhã, talvez mais tarde. Procurou o telefone às apalpadelas, com os lençóis de cetim branco a enrolarem-se-lhe nas coxas nuas enquanto se retorcia para silenciar a vibração, que parecia suficientemente alta para despertar...

Oh, merda.

Tinha feito o mesmo outra vez. O nome da mulher deitada ao seu lado fugia das suas memórias da noite anterior, as letras quase impossíveis de reter depois da exposição de arte na minúscula galeria Fitz, no Village — algumas das suas fotografias nas paredes, um punhado de patrocinadores a assentirem e a fazerem-lhe elogios, mas nunca suficientemente interessados para comprarem alguma coisa, o champanhe que nunca parecia parar de correr —, seguindo-se aquele bar rebuscado em MacDougal Street e uma carrada de *whisky*.

Delilah deu uma olhadela por cima do ombro, para a mulher branca adormecida ao seu lado. Cabelo curto louro-escuro, pele suave, boca bonita, coxas cheias, mãos fenomenais.

Lorna?

Não. Lola. O nome dela era decididamente Lola.

Talvez.

Delilah mordeu o lábio e agarrou no telefone ainda a vibrar, semicerrando os olhos para o nome que aparecia no ecrã, a brilhar no escuro.

Ass-trid

Mal teve tempo de fazer um sorriso irónico para a forma como tinha escrito o nome da sua irmã por afinidade nos contactos antes de carregar

em *Ignorar*. Instinto. Segundo a experiência de Delilah, um telefonema às duas da manhã raramente era uma coisa boa, particularmente quando Astrid Parker estava na outra ponta da linha. E quem é que raio ainda ligava? Porque é que Astrid não mandava uma mensagem, como um ser humano normal?

OK, tudo bem, podia haver uma série de mensagens sem resposta no telemóvel de Delilah, mas, em sua defesa, ultimamente ela andava de rastos, com mais um mês de renda para breve e a preparar a exposição no Fitz, onde o seu trabalho só tinha sido apresentado porque ela conhecia a dona, Rhea Fitz, uma antiga colega, empregada de mesa, cuja avó defunta lhe tinha deixado dinheiro suficiente para abrir a sua própria galeria. As últimas semanas tinham sido uma roda-viva, entre servir às mesas em *part-time* no River Café, em Brooklyn, e trabalhos como *free-lancer* a fazer retratos e a fotografar casamentos, que, tudo junto, mal rendia o suficiente para o apartamento e a alimentação. Estava à beira da catástrofe, em que teria de se mudar para Nova Jérсия e, se alguma vez quisesse entrar no impiedoso mundo da arte em Nova Iorque, Nova Jersey não lho iria permitir. Vendera uma obra ou duas, claro, mas a sua fotografia era *de nicho*, como lhe dissera um agente quando se recusara a representá-la, e as obras *de nicho* não eram fáceis de vender.

Por isso, pois, tinha andado demasiado ocupada a esfalfar-se no seu nicho para falar com a irmã. Além disso, não é que Astrid gostasse lá muito dela. Há cinco anos que não se viam.

Já tinha sido assim há tanto tempo?

Bolas, era tarde. Delilah largou o telefone em cima do peito enquanto Jax surgia nos seus pensamentos pela primeira vez desde já há algum tempo. Meses. Fechou os olhos com força e em seguida abriu-os e ficou a olhar para o teto, cheio daquelas estrelas autocolantes que brilham no escuro. Sentou-se, com um pânico gelado a invadir-lhe as veias. Estaria num dormitório da faculdade? Meu Deus, não, por favor. Delilah estava quase com trinta anos e as raparigas da faculdade... bem, ela já lá tinha estado, tinha vivido essa parte da sua vida. Preferia mulheres da sua idade, sempre preferira, e ainda bem que já tinha deixado para trás toda aquela fase desajeitada, a fazer olhinhos, pela qual que se lembrava ter passado aos vinte e poucos.

Foi relaxando à medida que o quarto se tornava mais nítido, a sentir a maciez dos lençóis caros debaixo dos seus dedos. O quarto estava mobilado com móveis modernos, tudo em linhas direitas e madeira clara. Quadros sofisticados decoravam as paredes, destramente pendurados. Uma porta aberta dava para uma sala de estar, que Delilah recordava agora distintamente como o cenário onde — Lana? Lily? — a tinha empurrado para um sofá branco

muito elegante e tirado as suas cuequinhas, atirando-as por cima do seu ombro nu.

Decididamente, não era o nível de mobília de quem está na faculdade. Não era sequer o nível de mobília de Delilah Green, e ela já era adulta. Além disso, aquilo que Lilith tinha feito com a boca não era, definitivamente, uma habilidade de nível universitário.

Delilah abateu-se novamente na cama, lânguida com a memória. Os seus olhos começavam a ficar pesados, quase a fecharem, quando o telefone voltou a zumbir. Estremeceu, completamente desperta, e viu o mesmo nome improvável. Carregou em *Ignorar* pela segunda vez.

Layton agitou-se ao seu lado, virando-se e entreabrindo os olhos para Delilah, com o rímel esborratado por baixo dos olhos.

— Oh. Ei. Tudo bem?

— Sim, claro...

O telefone tocou outra vez.

Ass-trid

— Não devias atender? — perguntou Linda, com o cabelo despenteado a cair adoravelmente sobre um olho azul. Não, o nome daquela deusa do sexo não era Linda, de maneira nenhuma.

— Se calhar...

— Então atende. Quando estiveres despachada, há uma coisa que te quero mostrar.

Lydia — claro, porque não? — fez um sorriso maroto, baixando os lençóis até às ancas por uma fração de segundo, antes de os puxar novamente até ao queixo. Delilah riu-se, atirando a roupa para trás e levantando-se da cama completamente nua. Estava prestes a atender o telemóvel tal como estava, mas pegou num roupão de seda — definitivamente, não era um roupão de nível universitário — que estava em cima de uma poltrona cinzenta estofada, ao canto. Não podia, nem iria, falar com a irmã por afinidade em pelota.

Enfiando o roupão, foi para a pequena sala-barra-cozinha-aberta e empoleirou-se num banco, apoiando os cotovelos na bancada de mármore frio. Inspirou... expirou. Sacudiu as mãos, rodou o pescoço. Tinha de se preparar para falar com Astrid, como um pugilista prestes a entrar no ringue. Luvas calçadas, protetor nos dentes. Na bancada, o telemóvel calou-se e o nome de Astrid desapareceu, surgindo logo em seguida, que nem uma chamada do inferno. O melhor era acabar com aquilo. Deslizou o dedo pelo ecrã.

— O que é?

— Delilah?

A voz aveludada de Astrid filtrava-se pelo auscultador. Era como uma Cate Blanchett americana, embora mais convencida e menos rainha dos bissexuais. Exatamente o tipo de voz que Delilah sempre soube que a Astrid adulta iria ter.

— Sim — disse Delilah, pigarreando em seguida. A sua própria voz tinha uma rouquidão algures entre os seis *cocktails* e anos de falta de sono.

— Demoraste muito a atender.

Delilah suspirou.

— É tarde.

— Aqui no Oregon são só onze horas. Além disso, calculei que esta era a melhor hora para te apanhar. Porque depois da meia-noite transformas-te em morcego, não é?

Delilah resfolegou.

— Claro. Agora, se me dás licença, gostava de voltar para a minha caverna.

Astrid não disse nada durante uns momentos. Longos segundos que fizeram Delilah interrogar-se se ela ainda estaria ali, mas não iria ser ela a ceder. Só tinham falado ao telefone uma dúzia de vezes, ou coisa que o valha, desde que Delilah saíra de Bright Falls, no dia a seguir ao final do secundário, metendo-se numa camioneta para Seattle com a sua mochila do Liceu de Bright Falls ao ombro, enquanto Astrid embarcava na sua viagem de pós-graduação para França, com as suas horrendas *melhores amigas*. Isabel, a mãe de Astrid e madrasta malvada de Delilah, tinha abastecido as duas raparigas com dinheiro suficiente para as manter longe dela durante duas semanas. A única diferença foi Astrid ter regressado, preparada para entrar na faculdade de Berkeley como uma filha obediente, enquanto Delilah voara para Nova Iorque e alugara uma espelunca só com um quarto no Lower East Side. Era legalmente adulta e não ia ficar naquela casa, de maneira nenhuma, nem mais um segundo do que o necessário.

Não é que Isabel lamentasse a sua partida...

Nem Astrid, tanto quanto Delilah poderia calcular, embora de vez em quando essas coisas acontecessem. Mensagens ignoradas que acabavam em telefonemas desconfortáveis, em que Astrid tentava fingir que não tinha transformado a infância já solitária de Delilah num autêntico inferno. Delilah regressara cinco ou seis vezes a Bright Falls nos últimos doze anos — alguns Natais e Dias de Ação de Graças, um funeral quando a sua

professora de arte favorita tinha morrido. A última vez tinha sido há cinco anos, quando Delilah voara para Nova Iorque com o coração recentemente partido, pensando erradamente que a familiaridade de Bright Falls lhe poderia servir de consolo. Não servira, mas dera a Delilah uma ideia para uma série de fotografias que lhe mudara as ambições, de *fotógrafa freelancer que mal ganha para a renda*, para *artista queer com um apartamento fantástico em Williamsburg*.

O que ela ainda não tinha conseguido, mas estava a tentar.

— Então... vens?

A voz de Astrid interrompeu-lhe as reflexões. Pestanejou para voltar a focar a cozinha de Lucinda.

— Venho... — Uma piada porca ficou-lhe na ponta da língua, mas conteve-se.

— Oh, meu Deus — respondeu Astrid. — Estás a falar a sério? Diz-me que estás a falar a sério.

— Eu...

— Diz-me, Delilah!

— Estou a tentar, se te calasses por dois segundos!

Astrid bufou tão alto que o som vibrou no ouvido de Delilah.

— OK. OK, desculpa. Estou muito stressada. É muita coisa a acontecer.

— Certo — respondeu Delilah, a escavar no seu cérebro à procura do que raio estava *a acontecer*. — Hum, então...

— Não, não, não. Tu *não* vais cancelar, Delilah Green. Diz-me que não é isso que vais fazer.

— Credo, Ass, toma um Xanax, está bem?

— Por favor não me chames assim e *não* canceles.

Delilah deixou passar um momento de silêncio. Talvez o facto de ver a sua arte nas paredes de uma galeria a sério, por pequena que fosse, e o ótimo sexo que se seguira, lhe tivessem confundido ligeiramente o cérebro. Mas fosse lá de que raio Astrid estivesse a falar, iria acabar por se esclarecer. Tirou o telemóvel do ouvido, carregou no botão de alta-voz e verificou a data na aplicação do calendário — sábado, 2 de junho. Madrugada. Sexta-feira, dia 1, era decididamente uma data que lhe ficara cimentada na mente durante meses, enquanto se preparava para a exposição no Fitz. Mas havia ali mais qualquer coisa, alguma coisa em junho e que tinha que ver com a Astrid, e...

Oh, porra.

— O teu casamento — disse Delilah.

— Sim, o meu casamento — respondeu Astrid. — Aquele que eu tenho

estado a planear há meses e para o qual a mãe insistiu que eu *te* contratasse como fotógrafa.

— Não pareces muito entusiasmada.

— Não é bem o termo que eu usaria.

— Não te estás a ajudar nada, Ass.

Astrid bufou para o telefone.

— Ainda estou desfeita por não ser uma dama de honor — respondeu Delilah em tom impassível, mas, ao lembrar-se finalmente das núpcias iminentes da irmã por afinidade com um desgraçado qualquer, o seu coração acelerou ao mesmo tempo que o terror e o alívio lhe inundavam o sistema.

Por um lado, ir ao casamento de uma Parker da alta sociedade de Bright Falls era exatamente a última coisa que ela queria fazer naquele momento. Ou em qualquer momento. Tinha feito contactos com alguns agentes na exposição do Fitz e vendera uma obra — e a cliente estava naquele momento a dormir no quarto ao lado, mas tinha a certeza de que Loretta desembolsara o seu dinheiro antes de lhe começar a fazer olhinhos. Pelo menos, Delilah tinha praticamente a certeza de que era assim que tinha acontecido, porque estava demasiado ocupada a desatinar com a ideia de alguém dar dinheiro a sério por uma coisa que ela tinha criado.

Independentemente disso, agora não era o momento para as tretas de Astrid-barra-Isabel. Delilah sentia que estava à beira de qualquer coisa, de *ser* alguém, e Bright Falls era um poço de desespero que lhe sugava a alma, onde ela não era absolutamente ninguém.

Por outro lado — o lado que tentava manter Delilah alimentada e vestida —, Isabel Parker-Green tinha-lhe oferecido uma astronómica soma de dinheiro para fotografar o casamento de Astrid e duas semanas de eventos pré-nupciais. Os detalhes do primeiro telefonema de Astrid a Delilah a respeito do feliz acontecimento voltavam-lhe agora à memória, e havia, decididamente, um número de cinco algarismos. Cinco algarismos baixos, mas ainda assim. Trocos para Isabel Parker-Green e para a maioria dos habitantes de Brooklyn, mas para Delilah, que conseguia esticar um dólar durante dias, aquilo era como uma transfusão para a sua conta bancária desidratada.

Para além do dinheiro, que ela sabia que, quase de certeza, Delilah não poderia recusar, Astrid acrescentara um oh-tão-subtil e manipulador: «A mãe diz que o teu pai iria querer que estivesse no meu casamento.» Delilah ainda estava ressentida com ela por causa disso, sobretudo porque sabia que Isabel tinha razão. Quando era vivo, Andrew Green tinha sido um pai de família dedicado, ao ponto de se tornar ridículo, insistindo nos jantares em

família todas as noites, nas viagens conjuntas, nas tradições natalícias, em verificar os trabalhos de casa e aprender a fazer tranças, para que Delilah não fosse a única rapariga na visita de estudo à Feira Renascentista sem um penteado entrançado.

Um casamento não seria negociável. A pessoa vai pela família, mesmo que lhe paguem para isso e passe o tempo todo a ranger os dentes.

— Os eventos pré-nupciais começam no domingo — dizia agora Astrid. — Concordaste em acompanhar tudo, lembras-te? Os pormenores que te mandei por *e-mail* indicam que estás agendada de três de junho até ao dia dezasseis. Assineie o teu contrato, concordando com todos os teus termos, e...

— Eu sei, eu sei, sim — respondeu Delilah, passando a mão pelo cabelo. Merda, ela não queria voltar a Bright Falls por duas semanas inteiras. E era o mês do Orgulho Gay. Adorava as celebrações do Orgulho em Nova Iorque. E, afinal, quem é que raio começava todo aquele disparate dos eventos pré-matrimoniais com tanta antecedência? Bem, Delilah sabia exatamente quem.

— Astrid...

— Nem te atrevas, porra.

— Essa linguagem, Ass. O que diria a *Isabel*?

— Ela diria isso e muito pior se estivesse prestes a cancelar tão em cima da hora a tua vinda ao casamento da sua única filha.

Delilah inspirou bruscamente, embora tentasse não o fazer.

A sua única filha.

Querida repelir a alfinetada, deixar que as palavras passassem por ela sem a afetar, mas não conseguiu. Aquela sensação era um reflexo, restos de uma infância com os pais mortos e uma madrasta que começara logo por nunca a querer.

— Merda — disse Astrid num tom arrependido e irritado ao mesmo tempo, como se a irmã a tivesse feito esquecer que Isabel tinha sido a única tutora de Delilah depois de o pai dela, o segundo marido de Isabel, ter morrido de um aneurisma quando ela tinha dez anos.

— Lá está essa língua outra vez — riu Delilah, com um nó na garganta. — Acho que poderia gostar desta nova Astrid stressada.

A irmã por afinidade não disse nada durante uns segundos, mas o silêncio foi suficientemente longo para Delilah perceber que iria embarcar num voo matinal do aeroporto JFK.

— Aparece simplesmente, está bem? — disse Astrid. — É demasiado tarde para encontrar alguém decente para te substituir.

Delilah passou a mão pela cara abaixo.

— Pois.

— O que foi que disseste?

— Sim — respondeu Delilah, praticamente a gritar. — Eu vou lá estar.

— Ótimo. Já te reservei um quarto no Kaleidoscope...

— O quê, não vou ficar com a Mãezinha Querida?

— ... e vou mandar-te o programa por *e-mail*. Outra vez.

Delilah grunhiu e desligou antes que Astrid pudesse desligar primeiro, e a seguir largou o telemóvel em cima da bancada como se ele estivesse a arder. Desenroscou a tampa de meia garrafa de gim que estava ao lado do lava-louças e bebeu um trago sem precisar de copo. O álcool ardeu-lhe pela goela abaixo, picando-lhe no nariz e fazendo-lhe lacrimejar os olhos.

Duas semanas. Eram apenas duas semanas.

Duas semanas e dinheiro suficiente para a safar de três meses de renda.

Arrebatou o telemóvel, aquele malvado traidor, e voltou para o quarto. Atirou o roupão da Lanier para o chão e encontrou o seu macacão preto e sem alças, que mostrava as tatuagens que lhe cobriam os braços, num monte amarrotado ao lado da cómoda. Depois de o enfiar, passou uns dez segundos à procura da sua roupa interior, das suas cuequinhas favoritas em renda roxa, mas não as viu em lado nenhum.

— Que se lixe — disse ela, pondo a mala ao ombro e apanhando a sua massa de caracóis escuros num carrapito esgadelhado. Localizou os seus sapatos vermelhos, com saltos de dez centímetros, ao pé da enorme fotografia a preto e branco encostada à parede. A imagem mostrava uma mulher branca com um vestido branco e fino, com o rímel a escorrer pelo rosto molhado enquanto fitava o espectador. Estava numa banheira, com o vestido completamente ensopado e transparente, os mamilos ligeiramente visíveis acima da água leitosa, enquanto os seus dedos se curvavam em torno do rebordo da banheira branca e ferrugenta. Era de Delilah, uma das quatro obras na exposição do Fitz. Memórias de Leila-Lucy-Luna a desembolsar dinheiro a sério e em seguida a enfiar a língua na boca de Delilah começaram a vir à tona. O raio do nome continuava a jogar às escondidas.

— Ei — disse a mulher, levantando a cabeça do monte de almofadas e entreabrindo os olhos para Delilah à luz da cidade, o cabelo todo desgrenhado. — Espera lá, vais-te embora?

— Hum, pois — respondeu Delilah, enfiando os sapatos e verificando novamente se a sua carteira estava dentro da mala, as chaves, o passe do metro. — Obrigada, isto foi divertido.

Leah fez um sorriso irônico.

— Pois foi. De certeza que não queres voltar para a cama?

Levantou uma sobrancelha e as cobertas escorregaram suficientemente pelo seu peito abaixo, revelando uma bela proeminência.

— Quem me dera poder — respondeu Delilah a encaminhar-se para a porta. A oferta era tentadora, mas o seu cérebro já estava noutra parte, de volta ao seu apartamento, a repassar que raio de roupas iria precisar de meter na mala para aquele casamento e todos os *brunches* e reuniões e, valha-me Deus, as despedidas de solteira que Astrid teria planeado.

Astrid e o seu grupo de raparigas malvadas.

O rosto de London esmoreceu.

— Oh. *OK*. Bem... mandas-me uma mensagem?

Delilah virou as costas à mulher e afastou-se para o corredor. Levantou a mão ao abrir a porta da rua.

— Claro. Vou mandar.

Mas sabia que não ia mandar.

Nunca mandava.

Na viagem de metropolitano até ao seu apartamento em Bed-Stuy, tomou consciência da realidade do que estava prestes a fazer. Voltar a Bright Falls era uma coisa, mas passar duas semanas à disposição de Astrid e de Isabel? Essa era outra muito diferente.

E Delilah não tinha intenção absolutamente nenhuma de lhes facilitar as coisas.

CAPÍTULO

DOIS

Claire despejou o seu copo de vinho pela segunda vez naquela noite e pouso-o na mesa de madeira tosca com um pouco de força a mais.

— Descontraí-te — disse Iris, sentada à frente dela, a agitar a laranja na sua vodca com gasosa.

— O que achas que estou a tentar fazer? — perguntou Claire, deitando mais *syrah* no seu copo. Sabia que se iria arrepender — o vinho tinto dava-lhe sempre dor de cabeça —, mas Ruby tinha ido passar a noite no apartamento de Josh, pela primeira vez em dois anos, e ela dissera a Iris que queria sair, arejar a cabeça, afastar-se de Josh e do seu sorriso implacável de *sou um gajo bestial!* e dos seus olhos faiscantes cor de avelã. E então ali estava ela, meio bêbeda no Stella's Tavern, o único bar de Bright Falls, enquanto a *jukebox* néon tocava música *country* horrenda a um canto e ela tentava não hiperventilar.

— Acho que o álcool não está a resultar — comentou Iris. Virou a cabeça e observou a clientela, composta sobretudo por fulanos que jogavam bilhar e um grupo de estudantes da faculdade que tinham vindo passar o verão a casa.

— Pois não, acho que não está.

— Queres ir a outro lado? — Iris apertou-lhe a mão. — Podíamos simplesmente voltar para a tua casa e ver um filme.

Claire abanou a cabeça. Sentia-se ansiosa, como daquela vez em que ela e Josh tinham experimentado erva durante o último ano do secundário e o seu coração acelerara a mil batidas por minuto durante as duas horas seguintes. Tinha de escoar alguma energia, e estar sentada num sofá a beber copos e a comer restos de piza não iria fazer isso.

— Só preciso de uma distração — disse ela.

Iris levantou as sobrancelhas.

— Que tipo de distração? — A sua voz era provocadora e Claire sabia exatamente onde é que a sua amiga estava a querer chegar. Iris estava sempre

a ler um ou outro livro romântico e era famosa por estar constantemente a tentar produzir finais felizes às suas amigas, mesmo que fosse só por uma noite. — Do tipo... — Andava com a mão de roda, a incentivar a amiga a continuar.

Claire revirou os olhos, mas sorriu.

— OK, sim, pronto. Desse tipo de distração.

— Ah, sim?

— Sim.

Iris bateu palmas e começou a esfregar as mãos como uma vilã malvada.

— Sim! Há que tempos que não te arranjamos uma queca.

Claire mandou-a calar-se e inclinou-se para a frente.

— Fala mais baixo, está bem?

— *Falar mais baixo* não te vai meter na cama com ninguém.

— Oh, meu Deus, fazes o favor de...

— Ei, Bright Falls! — exclamou Iris com as mãos em concha ao pé da boca, enquanto se punha de pé. As cabeças viraram-se para ela, já a sorrirem, como sempre que Iris Kelly se manifestava. — Quem quer uma oportunidade com esta senhora jeitosa aqui ao meu lado? Ela está a precisar desesperadamente de uma boa fo...

— Iris, oh, meu Deus! — Claire puxou pela blusinha de alças da amiga, quase na esperança de lhe rasgar a bainha. Iris deixou-se cair no assento enquanto o rosto de Claire ardia como se fosse o núcleo do sol. Toda a gente estava a olhar e mais do que uns quantos levantavam uma sobrancelha para ela. Matthew Tilden, que costumava fazer comentários extremamente desapropriados a respeito do cu de Claire nos tempos do liceu, virou-se no banco do bar e levantou a cerveja num brinde para ela, enquanto Hannah Li, uma professora da creche, por amor de Deus, fez um sorriso tão lindo antes de baixar as suas longas pestanas que o estômago de Claire deu meia-volta.

— Mas que raio, Ris? — perguntou Claire.

— Pensei que querias conhecer alguém — respondeu ela, com o sorriso a desvanecer-se enquanto se inclinava por cima da mesa, com o seu cabelo vermelho-vivo a cair-lhe para a cara. Iris fazia tudo a mil por cento, enquanto Claire se ficava sempre por volta dos dez.

— Queria. Quero. É só que... — Claire suspirou. Não era lá muito boa naquilo. Encontros. Romance. Sexo. Nunca tinha tido uma noite de sexo casual, nunca tinha tido um amigo da queca. Tivera uma filha aos dezanove anos; não tinha tempo para amizades coloridas. Mas ultimamente andava a pensar em tentar voltar a ter encontros. *A pensar*. Ainda não tinha feito nada

para isso. Não tinha tido tempo. Entre a gestão da livraria e ser mãe de uma pré-adolescente, ela caía na cama todas as noites por volta das dez, assim que Ruby estava a dormir.

— Há quanto tempo? — perguntou Iris.

Claire abriu a boca e em seguida fechou-a rapidamente. Já tinha sido há uns tempos. Não, há mais do que uns tempos.

— Exatamente — disse Iris. — Há montes de tempo. Com quem foi?

— O quê?

— A última pessoa com que tu dormiste. Bolas, a última pessoa com quem tiveste um *encontro*.

Claire tomou mais um golo de vinho, sabendo que a resposta iria escandalizar o coração romântico de Iris.

— Com o Nathan.

Iris quase se engasgou com a bebida.

— O Nathan? O meu assistente Nathan? O Nathan com quem eu te fiz um arranjinho porque vocês são os dois ridiculamente picuinhas e pensei que talvez se aproximassem por causa do teu sistema de arquivo ou de outra coisa assim? O Nathan, a quem tu levaste a jantar numa *roulotte* de sandes em Astoria e nunca mais lhe voltaste a ligar, deixando as coisas horrivelmente confrangedoras para mim, lá na loja, durante a semana a seguir? Esse Nathan?

Claire endireitou-se no assento, tirando os seus óculos de aros roxos e limpando-os à blusa sem dizer nada.

— Isso foi há seis meses, Claire. *Seis*. Não fazia ideia de que isso estava assim tão mal.

O momento estivera contra Nathan, só isso. Ele era um homem perfeitamente decente — lindo, isso de certeza, e Claire tinha-se de facto sentido atraída —, mas Ruby tinha acabado de ter a sua primeira zanga importante com a melhor amiga nessa semana, deixando Claire a tentar descortinar como poderia ajudar a filha a atravessar aquele tipo especial de inferno que eram as amizades do quinto ano. E estava a acabar uma pequena remodelação na livraria, que tinha sido o seu maior projeto desde que a mãe lhe passara o negócio. Era importante, havia muita coisa em jogo.

— E eu sei que tu não dormiste com ele — disse Iris.

Claire levantou uma sobrancelha.

— Ele é do tipo que conta o que faz?

— Não. Ele tem uma classe do caraças. No entanto, eu lembro-me nitidamente de tu estares tão tensa como sempre no dia seguinte.

Claire mostrou o dedo do meio à amiga.

Iris deu um golinho no seu *cocktail* e inclinou-se para a frente.

— Por favor, *por favor*, diz-me que a última vez que fizeste sexo não foi com o pai da tua filha adorável, preciosa, estrela do meu coração. Diz-me que essa não foi a última vez.

Claire ficou suspensa, com uma confissão na ponta da língua. Mas a seguir apercebeu-se de que não era verdade. Fez um gesto casual de afastamento.

— Oh, vá lá, Iris, tu sabes que não foi.

— Eu cá não sei de nada.

— Eu conto-te tudo. — Ou quase tudo. Ela e Josh tinham-se separado há nove anos. Sentia uma pontada no coração só de pensar nisso. Os gritos, os choros. Ruby, com dois anos e os seus olhinhos tão arregalados e assustados enquanto a mãe e o pai, demasiado novos, se arrasavam um ao outro.

— Bem, então devo ter um bloqueio na memória — disse Iris a olhar em volta para o bar apinhado. — Onde raio está a Astrid? Ela normalmente anota essas coisas.

— Que coisas? A minha vida sexual?

— Todas as nossas vidas sexuais, incluindo a dela. — Iris levantou a mão, a fingir que escrevia no ar, e disse com um sotaque de «menina bem», que não parecia nada o de Astrid: — Segunda-feira, três de maio, nove horas e vinte e três. Esta noite deixei o Spencer penetrar-me, o que foi muito estimulante. Da próxima vez, talvez me aventure a uma coisa mais selvagem, como a posição da vaqueira invertida. Ele está sempre a pedir anal, mas eu...

— Oh, meu Deus, para — disse Claire a rir-se. — Ela *não* escreve isso na agenda.

— Ela escreve *alguma coisa* depois do sexo. Garanto-te.

— Ela gosta de organização. E foste tu que lhe personalizaste a agenda.

— Sim, pus um quadradinho no final de cada dia, a dizer *Sexo: sim, não* ou *talvez*, só para ela.

Claire desmanchou-se a rir.

— Não puseste nada.

Iris piscou-lhe o olho e tomou um golinho da sua bebida. As três eram as melhores amigas desde o quinto ano, quando Claire e Iris se tinham mudado para Bright Falls no mesmo verão. A única vez que tinham estado separadas fora durante os quatro anos em que Astrid e Iris tinham ido para a faculdade, enquanto Claire lidava com uma pequena surpresa, sob a forma da sua filha. As amigas voltaram para Bright Falls depois de se licenciarem, cimentando novamente o seu trio, e Claire nunca tinha ficado tão aliviada. Astrid e Iris tentaram dar-lhe apoio durante os dois primeiros anos de

Ruby, mas ela recusara-se a deixar que elas interrompessem as suas vidas. Além disso, tinha Josh.

Até deixar de ter.

Ainda assim, tinha-se saído bem, tendo um bebé aos dezanove e apaixonando-se completamente pela sua filha, sobrevivendo à rutura com Josh. Mas nunca ficara tão feliz como ao ver as suas amigas voltarem a instalar-se em Bright Falls. Astrid, armada com um brilhante diploma em administração de empresas da universidade de Berkeley, ficara com a firma bastante lucrativa de *design* de interiores de Lindy Westbrook quando a velhota se reformara, enquanto Iris tinha trabalhado como contabilista até ter poupado o suficiente para abrir a Paper Wishes, a sua papelaria ao lado da livraria da família de Claire, em Linden Street, na baixa da cidade. Iris era extremamente talentosa — vendia a sua própria linha de agendas personalizadas e tinha mais de cinquenta mil seguidores no Instagram —, enquanto Astrid tinha revitalizado metade das casas de Bright Falls praticamente sozinha.

Claire administrava praticamente a River Wild Books, a livraria que a sua avó abrira na década de 1960, e estava a dar o seu melhor para a trazer para este século. A mãe deixara-a fazer aquilo que queria, mas aquilo que ela queria — incluir uma zona de café, exhibir arte local nas paredes, fazer algumas vendas pela internet — exigia dinheiro, e muito. Até agora tinha conseguido alegrar as prateleiras e as paredes e instalara uma pequena área de leitura com sofás de cabedal no meio da loja, mas só isso. Ainda assim, era um começo.

Claire tomou mais uma golada de vinho, que despejou o copo.

— Nicole Berry.

Claire disse o nome em voz baixa, mas o som ainda lhe causava um ligeiro aperto algures no meio do peito. Não só tinha tido sexo com Nicole, como também saíra com ela durante cinco semanas inteiras, até Claire chegar ao ponto de a querer apresentar a Ruby. E então Nicole tinha-se apavorado imediatamente. Gostara de Nicole. Bastante. Poderia até tê-la amado, se Nicole lhe tivesse dado uma pequena oportunidade.

Iris fez uma careta.

— A Nicole.

— Sim, a Nicole — disse Claire, com a voz mais leve do que aquilo que sentia. — Era toda boa, certo? — E lá boa era ela. Cabelos sedosos, pernas compridas com que costumava envolver as ancas de Claire, de uma maneira que a fazia...

Apertou as coxas uma contra a outra ao recordar-se. Meu Deus, tinha sido há tanto tempo.

— Hum, claro, sim, linda — respondeu Iris com suavidade. Sabia o quanto doera à amiga ter sido abandonada por Nicole. — E isso foi há dois anos. *Dois*, Claire. Não tiveste... — abanou ligeiramente as mamas, e tinha muito para abanar — ... em dois anos?

— Oh, por favor, ninguém tem tempo para o sexo, Ris — foi a sua resposta brilhante.

Iris fez-lhe a sua expressão de *oh, coitadinha*.

— Isso não é verdade, de maneira nenhuma, e tu sabes. Eu estou sempre a fazer sexo.

— *Tu* tens um namorado.

— E tu tens um vibrador.

Fez um brinde, levantando o seu copo vazio.

— Isso eu tenho, ora pois.

— E ele está muito, muito cansado.

Claire riu-se, mas não o podia negar. Tinha precisado de carregar a bateria do vibrador pelo menos duas vezes no último mês.

Iris tilintou o seu copo no dela e Claire esvaziou os pulmões pela primeira vez em todo o serão. Desde que Josh tinha voltado a aparecer na cidade, há dois meses — jurando que desta vez ia ficar, que ia abrir um negócio de construção, em vez de ir apenas fazendo biscates na construtora do seu amigo Holden, que facilmente poderia largar, e que queria mesmo estar presente na vida de Ruby —, ela andava sempre enervada.

E com Astrid ultimamente sempre numa roda-viva, com o seu casamento com Spencer a aproximar-se como uma nuvem negra no horizonte... bem, digamos apenas que Claire estava a precisar de umas bebidas.

— Como é que está a correr? — perguntou Iris, lendo-lhe a mente, como sempre. — Com o Josh?

Claire encolheu os ombros.

— A Ruby adora-o.

— E tu deixas tudo como está e pronto?

Claire soprou longamente. Josh era o pai da sua filha, e ela sempre o tinha amado. Mas bolas, se ele alimentasse outra vez as esperanças de Ruby, só para voltar a desaparecer, ela matava-o. Matava-o literalmente. Lenta e dolorosamente. Já tinha tido demasiada gente na sua vida em quem não podia confiar, e não queria que Ruby crescesse com os mesmos fantasmas.

Olhou para o telemóvel. Para além da hora e de uma fotografia da cara sorridente da filha, o ecrã não apresentava mais nada. Nenhuma mensagem de Josh. A sua visão embaciou-se o suficiente para perceber que mais uma

bebida a deixaria desleixada, e ela não poderia aparecer assim à frente de Josh. Ele nunca usaria isso contra ela — ou pelo menos achava que não —, mas estava a tentar ser um bom exemplo de mãe.

— Eu devia ir-me embora — disse ela.

— Então e a tua distração?

Abanou a mão.

— Isso pode esperar.

— A Astrid ainda nem sequer chegou.

Claire esfregou as têmporas; tudo na sua vida se estava a acumular para lhe dar uma dor de cabeça por trás dos olhos.

— Quero ver como está a Ruby lá na casa do Josh antes de ela ir para a cama.

— Ver o Josh, queres tu dizer.

— E vais censurar-me por causa disso?

Iris abanou a cabeça.

— Eu nunca te iria censurar. Sabes disso, certo?

Claire tirou algum dinheiro da carteira.

— Sei.

— Adoro esse teu cu com falta de sexo.

Claire riu-se.

— Será bom que sim.

— Para todo o sempre. — Estendeu a mão e travou a mão de Claire que segurava a carteira. — Portanto, vamos fazer isto devagar.

— Fazer o quê devagar?

— Um engate. Encontrar alguém que te agrade.

— OK — disse Claire a medo. — O que é que tu...

— Um número. Só isso. Fica simplesmente com o número de telefone de alguém esta noite. Já é um princípio.

Claire enfiou logo a cabeça nos ombros. Sempre conhecera todas as pessoas com quem tinha estado de maneira orgânica. Josh era o seu namorado do secundário. Nicole era uma autora local que escrevia livros de cozinha vegana e tinha estado na livraria a autografar o último, de sobremesas à base de vegetais. Claire tratara da sessão de autógrafos, tinham começado a conversar e pronto. Iris tinha feito o arranjinho entre Claire e Nathan. Ela nunca engatara ninguém num bar, mas depois de ter visto Iris a fazer isso pelo menos uma dúzia de vezes desde o secundário, sempre se interrogara como seria, a emoção e a excitação.

Claire obrigou-se a si mesma a relaxar. Afinal, era para isso que ela tinha

vindo naquela noite. Ela queria... qualquer coisa. Precisava de alguém — mesmo que fosse apenas uma *possibilidade* —, para se assegurar de que não voltaria a cair em maus hábitos com Josh. Não estava apaixonada por ele; sabia disso. Mas o seu corpo ficava estúpido ao pé dele. Sempre tinha ficado.

Isso não alterava o facto de a ideia de ir ter com um estranho qualquer e dizer simplesmente *Que tal vai isso?* a fazer sentir-se prestes a vomitar.

— A partir de amanhã — disse Iris, a sentir que a amiga estava prestes a passar-se dos carretos —, vamos andar atoladas durante duas semanas inteiras em palermices matrimoniais.

— Palermices?

Iris ignorou-a.

— Estou a falar de *brunches*, naperons de renda, manicuras e uma festa de despedida de solteira sem sexo.

Claire riu-se, lembrando-se de Astrid ter proibido terminantemente qualquer coisa fálica na sua última festa. Nada de palhinhas com pénis, bolinhos com feitio de pénis e absolutamente nada de dildos. Iris ficara extremamente dececionada.

— Já para não falar — disse Iris, baixando a voz e inclinando-se para a frente — que temos de ter aquela grande conversa com a Astrid, e ela provavelmente vai detestar-nos para o resto da vida por causa disso.

Claire fechou os olhos e inspirou devagar pelo nariz. Desde o choque que Astrid lhes tinha dado há uns meses, deixando até Iris quase sem fala, ao anunciar que ia casar com Spencer Hale, com quem namorava há menos de noventa dias e com quem as suas amigas mal tinham interagido, Claire e Iris tinham permanecido num ligeiro estado de pânico constante. Ele era rico e bem-parecido, e era o único dentista na cidade, mas não parecia conseguir terminar uma refeição sem fazer algum pedido ridículo a Astrid.

Passa-me o sal, passas, bebé?

Pede ao empregado que me traga mais uma cerveja, está bem, bebé?

Não queres o resto das tuas batatas fritas, pois não, bebé?

E ainda por cima Astrid fazia-lhe sempre a vontade, mesmo que a porra do sal estivesse mesmo à frente do nariz do seu rapaz de ouro.

Iris e Claire estavam sempre a dizer que iam falar com ela sobre isso, fazer um plano, mas as semanas transformavam-se em meses e elas ainda não tinham arranjado uma maneira de explicar a Astrid que o presumível amor da sua vida era um completo parvalhão. Porque ele era o pior tipo de parvalhão, dissimulado e sorridente. Parte das vezes, Claire não conseguia dizer exatamente o que é que a irritava tanto no homem, só sabia que sentia

que estava ao pé de uma cobra venenosa sempre que estava na mesma sala com ele, o que não seria exatamente uma razão para dizer a Astrid que fugisse a sete pés. Além disso, Astrid gostava de factos, de números, que nem Claire nem Iris tinham para lhe dar; apenas más vibrações que elas não conseguiam ignorar.

— O que queres dizer? — perguntou Claire.

— Quero dizer que as duas próximas semanas vão ser uma chatice e que tu não vais encontrar alguém no Vivian's Tearoom, nem no *spa* de Blue Lily Vineyard.

Claire duvidava.

— Ei, há coisas *sexies* que podem acontecer nos *spas*.

— Não nos do género que a Astrid frequenta.

— Nunca se sabe.

Iris inclinou-se para a frente.

— Então estás a dizer-me que te embrulhavas com o massagista se ele estivesse para aí virado? Tipo — baixou os olhos para as partes baixas e supostamente negligenciadas de Claire, e mexeu as sobancelhas —, *embrulhar*.

— Oh, claro.

— Tretas.

Claire levantou as mãos, mas deixou-as cair outra vez.

— Oh, está bem, eu preferia ter um encontro primeiro. Condena-me.

— Eu sei. Não estás simplesmente programada para o sexo casual, e não há mal nenhum nisso. Portanto, um número de telefone. Eu sei que detestas o Tinder, o Her e o Salad Match.

— Eu não detesto, eu só... espera lá, Salad Match?

— Encontra a tua alma gémea de acordo com a tua salada preferida. Isto existe.

— Oh, meu Deus.

— Exatamente.

Claire esfregou os olhos por baixo dos óculos. O mundo dos encontros era assustador. Não que se tivesse aventurado muito nele. Tinha experimentado com Nicole, e era o suficiente.

— Eu tenho uma filha para criar, Ris.

Os olhos de Iris suavizaram-se. Estendeu a mão e apertou a de Claire.

— Eu sei. Tens trabalhado muito. Tens sacrificado bastante, e tens uma miúda ótima que o comprova.

A garganta de Claire apertou-se um pouco perante a emoção na voz da amiga.

— Ris...

— O que é uma ótima razão para apreciares um belo orgasmo que não seja autoinduzido.

Claire sorriu e Iris ficou com aquele brilho no olhar que surgia sempre que ela estava a trabalhar no *design* de uma agenda ou quando comprava um conjunto novo de marcadores. Aquele tipo de brilho de *nunca desistas*.

— Está bem. — Claire endireitou-se, rodou os ombros para trás e alongou o pescoço de um lado para o outro, como se se estivesse a preparar para um jogo de boxe. — Está bem, eu consigo fazer isso.

— Com certeza, tu consegues.

— Sou toda boa, certo?

— Uma gaja boa e durona.

Claire sacudiu as mãos.

— Só um número. Não pode ser assim tão difícil.

— É fácil. Toda a gente nesta sala quer o teu número.

— Eu não iria tão longe.

— Eu iria. — Iris estendeu o braço por cima da mesa e deu uma palmada nas costas de Claire, exclamando — Vai-te a eles, tigresa! — acima do burburinho. Voltou a recostar-se para beberricar a sua bebida com um sorriso entusiasmado no rosto.

Claire virou-se no assento e olhou para o bar envernizado, observando a atividade durante uns segundos. Olhou para Iris por cima do ombro.

— Um número.

— Um número. Só isso. Um número *válido*. De alguém que realmente aches giro ou interessante, ou o que quer que hoje em dia te agrade.

Claire deitou a língua de fora para a amiga.

— Guarda-a para usos melhores, minha querida — disse Iris com uma piscadela.

Claire riu-se.

— Está bem, está bem.

Virou-se outra vez para trás com uma inspiração funda. O Stella's estava animado naquela noite. Normalmente estava assim aos fins de semana. Ou em qualquer outra noite, já agora. Bright Falls era encantadora, e ela adorava-a, mas tinha apenas um punhado de lojas, a maioria das quais fechava às seis da tarde, e apenas alguns restaurantes, por isso o único bar na cidade tinha de estar regularmente apinhado. Observou as mesas ao pé do bar, na esperança de voltar a ver Hannah Li. Decididamente, sentir-se-ia mais confortável se abordasse uma mulher, ou alguém não-binário. Desde que se tinha

assumido como bissexual, quando estava no secundário, sempre se sentira mais atraída para outras pessoas *queer* ou lésbicas mais femininas. Josh tinha sido uma das poucas exceções — embora uma exceção e tanto. Ainda assim, ela conhecia todas as mulheres *queer* da cidade, e metade delas estavam já casadas ou acompanhadas — incluindo Iris, que percebera que era bi no último ano da faculdade e sempre seria mais uma irmã do que uma potencial parceira —, por isso as hipóteses de haver alguém solteiro no Stella's naquela noite eram escassas.

E não via Hannah em lado nenhum, nem na mesa onde tinha estado, nem ao balcão.

Claire começou a virar-se outra vez para Iris, pronta para desistir, quando os seus olhos se fixaram num par de *jeans* pretos e justos.

A mulher era branca e tinha acabado de chegar ao bar, com uma mala de rodinhas ao lado. O seu cabelo era escuro e encaracolado, com muito volume. Estava de costas para a sala e Claire não conseguia afastar os olhos da forma como ela se inclinava por cima do balcão para pedir a sua bebida a Tom, o *barman* dessa noite, pondo-se em pontas dos pés, com umas botas pretas. Tatuagens enrolavam-se pelos seus braços nus. Meu Deus, Claire adorava um belo braço tatuado.

E aqueles *jeans*. Aqueles *jeans* eram giros.

— Linda menina — disse Iris atrás dela.

Claire virou-se.

— Nem sequer sabes para quem é que eu estou a olhar.

— Por favor... — Iris inclinou o copo para a mulher das tatuagens. — Tu tens um tipo preferido e aquela ali corresponde-lhe, toda taciturna e misteriosa.

Claire abriu a boca para protestar, mas quando Iris acertava, acertava mesmo. Passou as mãos nos seus próprios *jeans*, assegurou-se de que a gola da blusa estava direita e ajustou os óculos. Em seguida levantou-se e encaminhou-se para o bar.